



Revista de Gestão e Secretariado

E-ISSN: 2178-9010

gestoreditorial@revistagesec.org.br

Sindicato das Secretárias(os) do Estado
de São Paulo
Brasil

Sanches, Fernanda Cristina; Schmidt, Carla Maria; Daga Cielo, Ivanete; Wenningkamp,
Keila Raquel

COOPERAÇÃO CIENTÍFICA INTERNACIONAL DOS GRUPOS DE PESQUISA EM
SECRETARIADO EXECUTIVO DO BRASIL

Revista de Gestão e Secretariado, vol. 7, núm. 3, septiembre-diciembre, 2016, pp. 21-46
Sindicato das Secretárias(os) do Estado de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=435649063003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

COOPERAÇÃO CIENTÍFICA INTERNACIONAL DOS GRUPOS DE PESQUISA EM SECRETARIADO EXECUTIVO DO BRASIL

INTERNATIONAL SCIENTIFIC COOPERATION OF RESEARCH GROUPS IN EXECUTIVE SECRETARIAT OF BRAZIL

Fernanda Cristina Sanches

Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Paraná (Brasil). Professora especialização Assessoria Executiva pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Paraná (Brasil). E-mail: fer.c.sanches@hotmail.com

Carla Maria Schmidt

Doutora em Administração pela Universidade de São Paulo - USP, São Paulo (Brasil). Professora pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Paraná (Brasil). E-mail: c.m.schmidt@bol.com.br

Ivanete Daga Cielo

Doutora em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Paraná (Brasil). Professora pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Paraná (Brasil). E-mail: ivacielo@bol.com.br

Keila Raquel Wenningkamp

Doutoranda em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná (Brasil). Professora pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Paraná (Brasil). E-mail: sebkeila@hotmail.com

Data de recebimento do artigo: 27/01/2016

Data de aceite do artigo: 30/06/2016

COOPERAÇÃO CIENTÍFICA INTERNACIONAL DOS GRUPOS DE PESQUISA EM SECRETARIADO EXECUTIVO DO BRASIL

RESUMO

A cooperação científica em âmbito internacional tem se intensificado significativamente nos últimos anos, uma vez que fortalece os cursos de graduação e pós-graduação, corrobora para o aumento do número e da qualidade das pesquisas, auxilia na concessão de bolsas e possibilita o compartilhamento de recursos, entre outros. Assim, dada a importância dessa temática, neste estudo tem-se o seguinte objetivo: analisar de que forma tem se desenvolvido a cooperação científica internacional dos membros integrantes dos grupos de pesquisa em Secretariado Executivo no Brasil. Para tanto, foi desenvolvido um estudo de caráter quantitativo-qualitativo, a partir do método descritivo. Os dados utilizados apresentam origem secundária, pois foram obtidos com base em consulta aos currículos *Lattes* de todos os membros dos grupos de pesquisa da área de Secretariado Executivo, a partir de busca com os seguintes termos: secretariado; secretariado executivo e secretarial. Os principais resultados apontam que todos os grupos, em maior ou menor número, têm apresentado produções científicas dessa natureza. Dentre os tipos de produção, os grupos apresentam maior colaboração internacional no indicador “publicações” e com os países, Portugal e Argentina, respectivamente.

Palavras-Chave: Cooperação científica internacional. Grupos de pesquisa. Secretariado Executivo.

INTERNATIONAL SCIENTIFIC COOPERATION OF RESEARCH GROUPS IN EXECUTIVE SECRETARIAT OF BRAZIL

ABSTRACT

Scientific cooperation in international scope has been significantly intensified in recent years, as it strengthens the courses of graduation and graduate programs, corroborates to increase the number and quality of research, assists in granting scholarships and enables resource sharing, among others. So, given the importance of this theme, this study has the following objective: to examine how it has developed international scientific cooperation of the members of research groups in the Executive Secretariat in Brazil. To this end, a study of quantitative and qualitative nature was developed, from the descriptive method. The data used have secondary origin because they were obtained on the basis of consultation with the Lattes curriculum of all members of research groups of the Executive Secretariat area, from search by the following terms: Secretariat; Secretariat executive and secretarial. The main results show that all groups to a greater or lesser number have presented scientific productions of this nature. Among the types of production, the groups present greater international collaboration in the indicator "publications" and with countries, Portugal and Argentina, respectively.

Keywords: International scientific cooperation. Research groups. Executive Secretariat.

INTRODUÇÃO

A cooperação entre indivíduos e organizações tem se tornado muito presente no cenário mercadológico, especialmente a partir da década de 1990 (Ménard, 2004; Zylbersztajn & Farina, 2006). Também, de acordo com Balestrin, Verschoore e Junior Reyes (2010) em nenhum outro momento as ações colaborativas entre agentes e as redes receberam tanto interesse quanto atualmente. Essa visão já era defendida por Loader (1995), ao afirmar que quanto maior o nível de comportamento cooperativo entre os agentes inter-relacionados em um modelo organizacional, maior o valor disponível para todo o sistema.

Além do contexto mercadológico, o tema da cooperação tem se destacado também no campo acadêmico-científico, no qual as redes de pesquisa, formadas por pesquisadores que se relacionam entre si, por meio de coautorias em seus trabalhos científicos, projetos de pesquisa, eventos, estágios, tem se tornado cada vez mais frequentes e importantes. Essas colaborações entre pesquisadores são encontradas nas mais diferentes áreas do conhecimento (Rossoni, 2006; Bittencourt & Kliemann Neto, 2009; Mello; Crubellate & Rossoni, 2010; Schmidt; Cielo & Sanches, 2012), uma vez que fortalecem os cursos de graduação e de pós-graduação, corroboram para o aumento do número e da qualidade das pesquisas e auxiliam no sistema de concessão de bolsas de pesquisa, entre outros. Ou seja, a colaboração entre pesquisadores possibilita o compartilhamento de uma variedade de recursos, além de experiências, ideias e outras trocas (Katz & Martin, 1997).

Dentre as formas de colaboração de pesquisa, tem se destacado aquelas realizadas em âmbito internacional. Para Faria e Costa (2006) e Lima, Velho e Faria (2007), as atividades de pesquisa internacionais estão se intensificando significativamente nos últimos anos. Para esses autores, a ciência por si só, já imprime um caráter internacional, pois o conhecimento codificado nos periódicos encontra-se disponível em todo o mundo, além de que os pesquisadores participam cada vez mais de reuniões, pesquisas e congressos em diferentes países. Também Merlin e Persson (1996) já consideravam que o aumento da cooperação internacional se deve pelo fato desta representar um requisito da ciência moderna de qualidade, sendo fator importante, na determinação do sucesso na pesquisa científica.

De fato, a relevância da cooperação internacional tem sido claramente percebida na sociedade científica brasileira, uma vez que esta é um dos elementos de avaliação de

qualidade dos pesquisadores brasileiros, bem como, dos programas *stricto sensu*. Além disso, o Ministério da Educação (MEC), a Capes e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) constantemente criam editais de fomento para a cooperação internacional, como incentivo à qualificação de alunos de graduação, pós-graduação e pesquisadores. Como exemplo, pode-se citar o incentivo a missões internacionais e participação em eventos no exterior, entre várias outras possibilidades de inserção e mobilidade internacional, uma vez que estas contribuem para o avanço do conhecimento na academia e na sociedade.

Assim, dada a importância da cooperação científica, e ainda da cooperação em âmbito internacional, principalmente em áreas mais recentes no campo científico, como o caso do Secretariado Executivo (Durante, 2012), neste estudo busca-se responder a seguinte questão de pesquisa: *como tem se desenvolvido a cooperação científica internacional dos grupos de pesquisa vinculados a área de Secretariado Executivo no Brasil?* Assim, com o intuito de responder a essa questão, o objetivo desta pesquisa é analisar de que forma tem se desenvolvido a cooperação científica internacional dos membros integrantes dos grupos de pesquisa em Secretariado Executivo no Brasil. Para tanto, foram analisados todos os grupos de pesquisa vinculados à área secretarial e credenciados na Plataforma *Lattes* – CNPq.

Ao revelar a atual configuração colaborativa da pesquisa internacional no Secretariado, acredita-se que a presente investigação traga contribuições e subsidie uma reflexão salutar à comunidade acadêmica da área, a partir do reconhecimento de uma postura que deve ser valorizada, qual seja, a da cooperação acadêmica.

Para atingir o propósito central, este estudo está estruturado em mais cinco seções, além desta introdução. A seguir, na segunda seção, tem-se o quadro teórico relativo à cooperação científica, com ênfase na cooperação internacional. Na sequência, a terceira seção expõe os procedimentos metodológicos. A seção quatro destina-se à discussão dos resultados e a quinta seção reúne os argumentos conclusivos do estudo. Por fim, as referências concluem o presente estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Cooperação internacional

A cooperação internacional tem assumido papel de destaque para o desenvolvimento das nações e se tornado uma prática institucionalizada pelos governos,

tanto de nações ricas e desenvolvidas, quanto por parte de países pobres e, muitas vezes, subdesenvolvidos.

Esse crescente interesse pela cooperação internacional foi impulsionado a partir da segunda metade do século XX, no período denominado de pós-guerra, em que o mundo, necessitando retomar o desenvolvimento e transpor as barreiras e crises econômicas impostas pela II Guerra Mundial, investe em novas formas de produção, industrialização e avanços tecnológicos. Em poucas décadas, esses avanços desencadearam um processo de globalização das nações, favorecendo e incitando a cooperação internacional (Sánchez, 2002; Sato, 2010).

Em termos conceituais, a cooperação internacional é uma expressão que assume várias facetas, o que dificulta a uniformidade conceitual (Kerch & Schneider, 2013). De acordo com Sánchez (2002), o termo cooperação internacional remete à ideia de que as nações visam prioritariamente às questões de segurança e promoção do desenvolvimento, propiciando a legitimidade política e a ordem social. Para Santos e Carrion (2011), a cooperação internacional pode ser definida como as ações que governos e organizações da sociedade civil das diversas nações delineiam e executam no intuito de fomentar o progresso de forma mais justa e equilibrada no mundo.

Sato (2010) aborda em sua definição outros elementos constitutivos e inerentes à cooperação internacional. Para esse autor, cooperação internacional possui um sentido mais amplo, além da ideia de ajuda mútua entre governos e instituições pertencentes a distintas nações, remetendo ao conceito de trabalhar junto, tomar decisões e assumindo responsabilidades coletivamente.

Cooperação internacional significa governos e instituições desenvolvendo padrões comuns e formulando programas que levam em consideração benefícios e também problemas que, potencialmente, podem ser estendidos para mais de uma sociedade e até mesmo para toda a comunidade internacional (Sato, 2010, p.46).

Contudo, essa concepção de cooperação internacional, calcada em padrões análogos e englobando potencialidades e problemas das nações, passou a ganhar força somente a partir da disseminação dos princípios da globalização e do desenvolvimento de tecnologia de informação. De acordo com Sánchez (2002) e Nunes (2006), ainda que a globalização assumisse um viés econômico e financeiro, por usualmente referir-se à integração de mercados, não se pode negar que se trata de um processo amplo, que abrange todas as extensões das relações humanas. Aliada às tecnologias da informação,

os acontecimentos, os interesses, as oportunidades e os problemas das nações também se globalizaram, em função das facilidades oferecidas pelos meios de transporte e pelas comunicações e passaram a ser transmitidos e conseqüentemente partilhados a todos.

Assim sendo, a noção de fronteira das nações foi paulatinamente alterada e questões antes tratadas pelos governos como de soberania nacional, foram sendo discutidas com outras nações. Essa difusão das informações aliada à transposição de barreiras geográficas, fez com que a dimensão internacional se tornasse fator relevante na formulação de políticas das nações.

De acordo com Kapel (2009) e Sato (2010) a integração internacional modificou, de forma sistêmica, as bases da política internacional, propiciando a inclusão de distintas dimensões da cooperação entre as nações, como uma preocupação regular. De modo geral, a cooperação internacional era, frequentemente, dividida em dois blocos: o da *high politics*, abordando às questões associadas diretamente à segurança estratégica e o da *low politics*, utilizada às demais questões, a exemplo do comércio e desenvolvimento, educação e outros temas associados às questões de segurança estratégica das nações.

Entretanto, com o passar do tempo e impulsionadas pelas mudanças do cenário socioeconômico mundial, as relações internacionais passaram a assumir novos contornos e essa forma de hierarquizar as relações entre as nações, aos poucos, tornou-se sem efeito. “Desde a década de 1980, quando a guerra fria chegava ao fim, essas expressões praticamente deixaram de se fazer presentes nos textos de análise das relações internacionais” (Sato, 2010, p.47).

No contexto atual, a maior parte das nações está integrada por meio de acordos de cooperação internacional, que abrangem as mais distintas facetas do desenvolvimento e promoção do bem-estar das nações. Assim, as agendas de discussão de políticas de cooperação internacional, abordam, prioritariamente, de acordo com Kerch e Schneider (2013), as áreas da ciência e tecnologia, educação, saúde, comércio, finanças, geração de empregos e renda e meio ambiente. Isto, por considerarem que tais temáticas se constituem fatores estratégicos aos mais distintos países, ou seja, são áreas que fazem parte de uma agenda comum de interesse das nações.

Dentro dessa análise da importância da cooperação internacional, cabe destaque o papel desempenhado pela cooperação técnica-científica. Isso porque, de acordo com Nunes (2006) e Sato (2010) na medida em que as nações investem em desenvolvimento científico e tecnológico, potencializam-se as iniciativas de cooperação com outras

sociedades. Dessa forma, os acordos de cooperação técnico-científicos assumem papel determinante enquanto vetores da construção de políticas e práticas responsáveis por propiciar coerência, estabilidade e segurança nas relações externas dos países, além do fomento ao desenvolvimento e crescimento das nações.

Cooperação científica internacional

As atividades de professores, estudantes e pesquisadores nas quais existe alguma forma de envolvimento de cooperação internacional são cada vez mais frequentes, ou seja, trata-se de um fenômeno em expansão (Faria & Costa, 2006). Entre as possibilidades de inserção e/ou mobilidade internacional, podem-se relacionar: a) participação de pesquisadores em projetos de pesquisa com colegas estrangeiros; b) participação em eventos, reuniões e bancas no exterior; c) desenvolvimento de expedições e missões internacionais de pesquisa, a partir de convênios firmados entre pesquisadores de diferentes países; d) bolsas de estudos e intercâmbios para formação de estudantes de graduação e pós-graduação, a exemplo dos doutorados-sanduíche e do Programa Ciência sem Fronteira; e) apresentação de trabalhos no exterior; f) publicações científicas em eventos ou periódicos internacionais; g) atuação de pesquisadores como professores visitantes em programas *stricto sensu* no exterior; h) programas de bolsas para estudantes para atuação em empresas/organizações no exterior.

Para Lima, Velho e Faria (2007, p. 51) “essas atividades têm se intensificado significativamente nos últimos anos, resultando em notável aumento da colaboração científica internacional”. Contudo, Gama e Velho (2005) alertam para o fato de que o crescimento da cooperação científica internacional não ocorre de forma igual nas diversas áreas de conhecimento, tampouco, nos diferentes países. Em relação às nações envolvidas, esses autores consideram que as parcerias em pesquisa são mais comuns entre países avançados. Entretanto, em algumas áreas de conhecimento, o envolvimento de países em desenvolvimento torna-se também fundamental, como nos estudos de biodiversidade, por exemplo. A razão disso é que os recursos pouco explorados se concentram nos países em desenvolvimento.

No que tange às diversas áreas de conhecimento, Lima, Velho e Faria (2007) afirmam que a cooperação científica internacional é muito mais comum nas ciências

exatas e da terra (35% do total de publicações em 2003) do que nas ciências sociais e humanas (14% do total de publicações em 2003). Também Gama e Velho (2005) já identificaram que nas áreas de ciência e tecnologia, a cooperação internacional tem crescido a uma taxa significativa, representando no ano de 2005 uma parcela considerável da pesquisa científica. Especificamente, quando mensurada através de artigos publicados em coautoria por pesquisadores de países diferentes, a cooperação internacional nessa área passou de 8 para 18% do total de artigos publicados entre 1988 e 2001. Porém, Wagner (2004), em sua tese de doutoramento, concluiu que a cooperação internacional ocorre de forma mais intensa nas ciências da vida, a exemplo da biomedicina e das ciências agrárias, principalmente em países em desenvolvimento.

Ainda nesse aspecto, de acordo com Wagner (2004), a temática da cooperação científica internacional tem sido objeto de estudo de diferentes disciplinas, como a sociologia, a política e a bibliometria. Motivados por essa questão, busca-se neste estudo compreender de que forma ocorre a cooperação internacional na área de Secretariado Executivo, uma vez que não foram encontrados registros de pesquisas sobre a temática.

Há que se considerar que para Cruz, Espejo, Costa & Almeida. (2011), a cooperação científica é uma ação coletiva coordenada, que se apresenta de forma positiva, devendo, portanto, ser valorizada e incentivada:

visualizada como um empreendimento que envolve metas comuns, esforços coordenados e produtos (trabalhos científicos) com responsabilidade e mérito compartilhados, a colaboração científica manifesta-se como uma postura positiva e que deve ser valorizada (Cruz et al., 2011, p. 66).

Silva (2007) já argumentava sobre os resultados positivos desse tipo de cooperação, afirmando que é uma forma de alcançar objetivos comuns em um mundo globalizado. Ademais, esse autor defende que é uma maneira de compartilhamento de custos, de acesso e troca de experiências, de tecnologias e de instalações, além de possibilitar a criação ou o fortalecimento de boas relações entre os parceiros.

Também Georghiou (1998) já apontava que a cooperação internacional entre pesquisadores apresenta uma série de benefícios, tais como: a) acesso a conhecimento e diferentes especialistas; b) acesso a lugares e grupos populacionais específicos; c)

divisão de custos e riscos; d) solução para questões globais; e) motivações estratégicas, como no caso de fatores de natureza política ou cultural.

Da mesma forma, Luukkonen, Persson e Silvertsen (1992) discutiram a questão dos benefícios da cooperação científica internacional e em seu estudo encontraram três fatores como principais motivadores:

- a) os econômicos: em função dos custos de vários projetos de pesquisa, os pesquisadores optam pela colaboração, a fim de partilhar esses custos entre os envolvidos;
- b) os cognitivos: se referem a troca de conhecimento implícita na cooperação. Ou seja, o conhecimento complementar entre os pesquisadores pode enriquecer fortemente a qualidade dos projetos desenvolvidos;
- c) os sociais: se referem a rede de relacionamentos dos pesquisadores, levando-os a cooperar com outros pesquisadores com os quais possuem algum tipo de vínculo profissional ou pessoal, e que possuem interesse na mesma área ou temática.

Além disso, outra questão que impulsiona fortemente os pesquisadores a desenvolverem laços com outros países diz respeito à avaliação que as iniciativas de inserção e mobilidade internacional representam perante o MEC, a Capes e o CNPq. Ou seja, as iniciativas internacionais pontuam favoravelmente nas avaliações de cursos de graduação, programas de pós-graduação e currículos de professores pesquisadores (Bolsa Produtividade em Pesquisa, Ficha de Avaliação de Programa *Stricto Sensu*, entre outros). Assim, pesquisadores preocupados com as avaliações desses institutos, motivam-se a desenvolver parcerias internacionais em diferentes atividades científicas.

Por fim, vale destacar que conforme Faria e Costa (2006), a cooperação internacional pode favorecer a transferência de recursos materiais e humanos de países desenvolvidos para países em desenvolvimento. Além disso, a implementação de programas de cooperação entre países de uma mesma região, vem sendo incentivada, com o intuito de solucionar deficiências individuais, com benefícios compartilhados entre as nações envolvidas na cooperação.

Contudo, há que se considerar que, assim como em toda ação coletiva, a cooperação científica internacional apresenta também dificuldades e riscos para os agentes (países, institutos, programas e até mesmo dos próprios pesquisadores) envolvidos na colaboração. Por exemplo, os autores Gama e Velho (2005), em estudo desenvolvido sobre a cooperação científica internacional na Amazônia, identificaram

alguns problemas. O Brasil, pelo fato de não possuir recursos financeiros, humanos e materiais suficientes para investigar a biodiversidade da Amazônia tem desenvolvido convênios e projetos de cooperação com outros países. Até esse ponto a questão parece muito positiva. Porém,

as relações que se estabelecem são assimétricas, com uma dominação dos parceiros estrangeiros em termos do controle da agenda de pesquisa, recursos disponíveis e apropriação dos resultados gerados, principalmente no que diz respeito a publicações. Além disso, evidenciou-se que os programas de cooperação internacional têm pouca convergência com os objetivos estratégicos dos centros de pesquisa regionais e estão ainda mais distantes das demandas e necessidades de desenvolvimento das populações locais (Gama & Velho, 2005, p. 206).

O caso apresentado demonstra que as cooperações merecem atenção e empenho por parte dos envolvidos, a fim de eliminar ou reduzir as potenciais dificuldades, divergências e assimetrias inerentes ao processo coletivo.

Silva (2007) também apontou alguns riscos da cooperação, tais como: perda de liberdade de ação; complexidade de gerenciar a parceria, o que poder ocorrer em função das diferenças entre objetivos e características dos envolvidos, por exemplo; riscos econômicos e políticos no caso de a cooperação falhar; transferência indesejada de tecnologia ou outros recursos; e, criação ou fortalecimento de futuros concorrentes.

Contudo, apesar desses riscos relatados, há que se considerar que as razões que motivam os pesquisadores a se envolverem em atividades de cooperação internacional superam em demasia as dificuldades relatadas.

Pelo exposto, entende-se que a postura da cooperação científica internacional pode contribuir significativamente para o avanço da ciência na comunidade brasileira de Secretariado Executivo, sendo fundamental, portanto, que esta seja valorizada e incentivada na referida área.

METODOLOGIA

Este estudo, que teve o intuito de analisar a cooperação científica internacional dos membros dos Grupos de Pesquisa em Secretariado Executivo no Brasil, foi desenvolvido predominantemente a partir da abordagem quantitativa, mas também se utilizou da qualitativa. O método que se demonstrou mais adequado para a realização deste estudo foi o descritivo, uma vez que pesquisas dessa natureza possuem o objetivo

central de descrever as características de determinados fenômenos (Gil, 2010), neste caso, o da cooperação internacional da comunidade científica brasileira.

Em relação à fonte e aos procedimentos de coleta de dados, alguns esclarecimentos merecem menção. Os dados utilizados apresentam origem secundária, pois foram obtidos a partir de consulta aos currículos *Lattes* de todos os membros dos grupos de pesquisa da área de Secretariado Executivo, certificados na Plataforma *Lattes* – Diretório dos Grupos de Pesquisa – CNPq. Vale ressaltar que os dados coletados se referem às cooperações desenvolvidas pelos membros dos grupos de pesquisa na área de Secretariado, sendo que não se levou em consideração a formação dos pesquisadores, a área de atuação destes e, tampouco, as temáticas das publicações realizadas.

Para a localização dos grupos de pesquisa relativos à área secretarial, foram utilizados os seguintes termos de consulta na base corrente do Diretório dos Grupos de Pesquisa: secretariado; secretariado executivo e secretarial, aplicando-se a busca nos campos: nome do grupo; nome da linha de pesquisa; palavra-chave da linha de pesquisa; situação: certificados; e sem a aplicação de filtros. Os dados foram obtidos no mês de maio de 2015, sendo considerados para esta análise, os grupos e pesquisadores cadastrados naquele momento. Ressalta-se que não foram considerados, neste estudo, grupos de pesquisa não certificados no momento da coleta de dados, ou então, grupos não localizados a partir dos termos de busca já mencionados. Ao total, foram localizados 10 grupos de pesquisa, somando 185 membros.

No que tange ao período de análise dos currículos, vale dizer que para o cômputo dos dados foi considerada toda a trajetória científica dos pesquisadores, independente da data de ingresso no grupo de pesquisa. O cálculo, contudo, não foi realizado individualmente por pesquisador, mas sim, de forma coletiva, a partir do total geral de cada grupo de pesquisa; portanto, não houve identificação dos pesquisadores.

Em relação aos indicadores analisados, o Quadro 1 apresenta os aspectos considerados neste estudo (oito indicadores de produção científica embasados no padrão de currículos da plataforma *Lattes*, distribuídos em um total de 16 aspectos).

Quadro 1 – Indicadores e aspectos analisados nos currículos dos pesquisadores.

Indicadores de produção científica	Aspectos analisados
Formação acadêmica ou complementar	Formação acadêmica internacional (graduação, pós-graduação, formação complementar, concluídas ou em andamento)
Publicações	Em periódicos internacionais
	Em eventos internacionais
	Livros com equipe internacional
	Capítulos de livros com equipe internacional
Projetos	De pesquisa internacional
	De extensão internacional
Eventos	Palestra em evento internacional
	Organização de evento internacional
	Participação em evento internacional
Orientações	Orientação ou coorientação de aluno estrangeiro ou aluno em estágio fora do país
Corpo editorial	Membro de corpo editorial de revista internacional
Bancas	Participação em banca estrangeira
Prêmios e títulos	Recebimento de prêmios e títulos internacionais

Fonte: dados da pesquisa (2015).

Vale mencionar que além da discussão dos aspectos apresentados no Quadro 1, também foi realizado um mapeamento de rede, identificando os atores que se inter-relacionam a partir das cooperações internacionais identificadas neste estudo. Essa rede foi confeccionada por meio da combinação dos *softwares Excel e Ucinet*.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente, é importante mencionar que constam no CNPq, um total de 35.424 grupos de pesquisa, distribuídos por todo o país, nas mais diferentes áreas do conhecimento (CNPq, 2015). O objeto de investigação deste estudo são os 10 grupos de pesquisa que possuem relação com as linhas de investigação do secretariado. Especificamente, aqueles que foram localizados a partir da busca realizada no diretório, conforme mencionado no tópico anterior.

No que tange à caracterização dos 10 grupos em análise, há de se considerar que estes pertencem a duas áreas de conhecimento, sendo que nove integram a área

“Ciências Sociais Aplicadas”. Apenas o Grupo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas pertence à área de Ciências Biológicas.

O Quadro 2 apresenta informações referentes a cada um dos grupos em estudo. Apesar de a área de Secretariado apresentar, até o momento, um número relativamente pequeno de grupos, há que se considerar que em relação à sua distribuição geográfica, o resultado é positivo, pois existe representação na pesquisa em todas as cinco regiões do país.

Quadro 2 – Caracterização dos grupos de pesquisa e quantidade de membros, por ano de constituição.

Instituição/estado	Grupo	Ano/criação	Pesquisadores	Estudantes	Técnicos
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Grupo de pesquisa em Secretariado Executivo Bilíngue	2002	18	1	0
Universidade Estadual do Centro-oeste	Gestão do conhecimento nas ciências sociais aplicadas	2009	19	23	0
Universidade Federal de Sergipe	Grupo de pesquisas interdisciplinares em Secretariado	2009	13	8	1
Instituto Federal de Mato Grosso	Nupese - Núcleo de Pesquisa de Estudos em Secretariado Executivo e áreas afins	2011	4	2	0
Universidade Federal do Ceará	Grupo de Estudos e Pesquisas em Secretariado Executivo	2014	6	14	2
Universidade do Extremo Sul Catarinense	Grupo de Pesquisa em Secretariado Executivo Bilíngue	2014	3	0	0
Universidade Federal de Viçosa	Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Secretariado Executivo	2014	3	6	1
Universidade Federal do Amapá	Núcleo de Pesquisas Aplicadas em Gestão, Secretariado Executivo e Economia NPGESSEC	2014	7	5	1
Universidade Federal da Paraíba	Observatório Latino-americano de Pesquisa em Secretariado Executivo	2014	8	24	1
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas	Desenvolvimento regional e meio ambiente no médio Purus	2015	10	4	1

Fonte: adaptado de CNPq (2015).

Em relação ao ano de criação, cabe uma observação importante: a maioria dos grupos foi criada recentemente, sendo que sete deles após o ano de 2010. Possivelmente, este já seja um resultado do trabalho coletivo de pesquisa que ocorre em âmbito nacional (eventos nacionais, início da discussão sobre a associação nacional de

pesquisa), a partir desse período. Por fim, sobre os recursos humanos, nota-se que 90% dos grupos contam com o apoio científico de estudantes e 60% com o trabalho de técnicos. Entende-se que essas duas categorias contribuem em demasia com a qualidade das pesquisas, além de que, a inclusão dos estudantes é fundamental, uma vez que estes podem se tornar os alicerces da pesquisa secretarial no futuro.

Após essa breve caracterização do objeto de estudo, inicia-se a discussão em torno do objetivo central, qual seja, o da cooperação científica internacional realizada por esses grupos. Nesse aspecto, observa-se (Quadro 3) que no total foram encontradas 589 cooperações internacionais.

Quadro 3 – Cooperações internacionais por grupos de pesquisa.

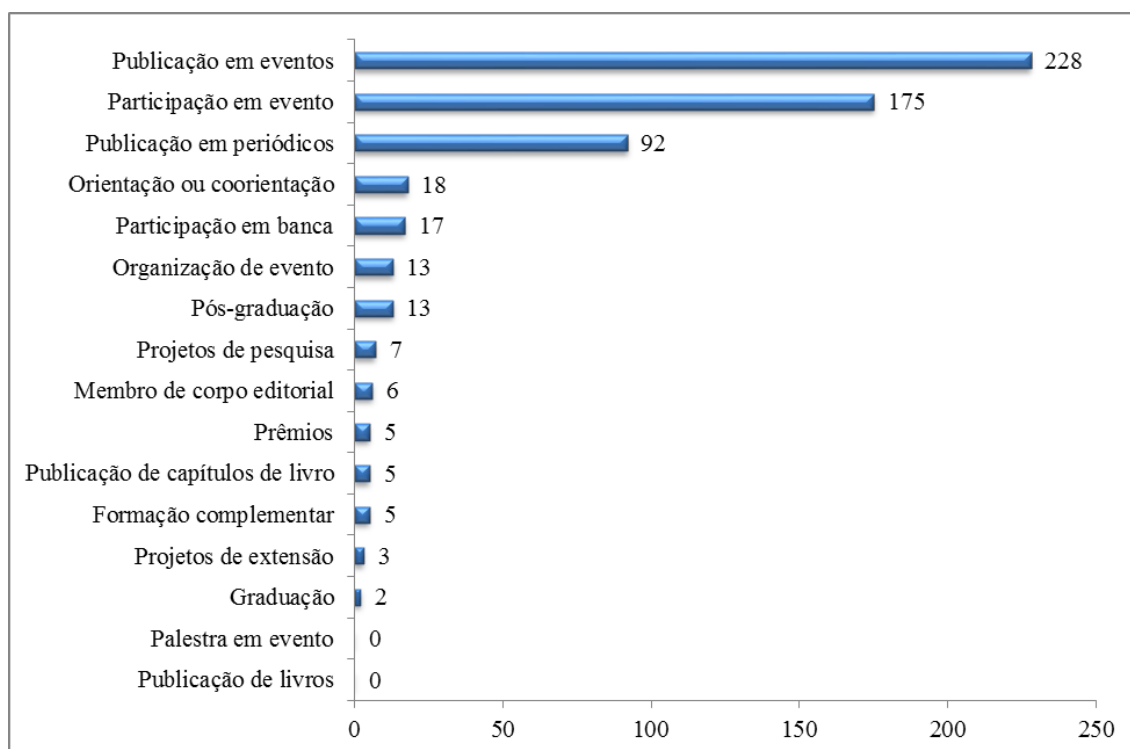
Instituição	Grupo	Número de Cooperações
Universidade Federal de Sergipe	Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Secretariado	139
Universidade Federal do Amapá	Núcleo de Pesquisas Aplicadas em Gestão, Secretariado Executivo e Economia	104
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Grupo de pesquisa em Secretariado Executivo Bilíngue	76
Universidade Estadual do Centro-oeste	Gestão do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas	66
Universidade Federal do Ceará	Grupo de Estudos e Pesquisas em Secretariado Executivo	61
Universidade Federal da Paraíba	Observatório Latino-americano de Pesquisa em Secretariado Executivo	53
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas	Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente no Médio Purus	43
Universidade Federal de Viçosa	Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Secretariado Executivo	23
Instituto Federal de Mato Grosso	Núcleo de Pesquisa de Estudos em Secretariado Executivo e áreas afins	20
Universidade do Extremo Sul Catarinense	Grupo de Pesquisa em Secretariado Executivo Bilíngue	4
Total		589

Fonte: dados da pesquisa (2015).

Para esse total, houve a participação de todos os grupos, o que pode ser considerado um aspecto positivo, pois demonstra que os pesquisadores estão em conformidade com o entendimento de Cruz et al. (2011), no que tange a importância da valorização da cooperação científica internacional. Nessa análise, destacam-se os grupos da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade Federal do Amapá, que juntos desenvolveram 41% do total de cooperações identificadas.

Na sequência, apresentam-se também os aspectos de produção científica nos quais foram identificadas cooperações internacionais. Conforme demonstra o Gráfico 1, os grupos de pesquisa têm apresentado maior colaboração internacional em três aspectos: publicação em eventos, participação em eventos e publicação em periódicos internacionais, respectivamente.

Gráfico 1 – Total de cooperações internacionais por aspecto de produção científica.



Fonte: dados da pesquisa (2015).

Os resultados do Gráfico 1 demonstram que a grande maioria das cooperações na área de Secretariado (55%) ocorre dentro do indicador “publicações”. Além disso, há que se considerar que a participação em eventos (a qual representa 29,6% do total) também ocorre, muitas vezes, em função da obrigatoriedade de apresentação dos artigos em eventos para fins de publicação. Esse resultado pode ser decorrente da elevada pontuação que a Capes e o CNPq atribuem às iniciativas de publicação internacional nas avaliações dos currículos de professores pesquisadores e também nas avaliações de cursos, conforme apresentado no aporte teórico (Capes, 2015).

Além disso, outro fator que impulsiona fortemente a quantidade de publicações internacionais é a possibilidade, cada vez mais recorrente, de redes de pesquisadores

(Mello; Crubellate & Rossoni, 2010; Schmidt, Cielo & Sanches, 2012), na qual as fronteiras internacionais são facilmente superadas.

Contudo, ao analisar o Gráfico 1, observa-se também que a área secretarial ainda enfrenta uma série de desafios no que tange a cooperação internacional. Isso porque, dentre os 16 aspectos analisados, 11 apresentam número reduzido de ingresso em esfera internacional e outros dois (palestra em evento internacional e publicação de livro com equipe internacional) não foram identificados até o momento.

Nesse sentido, entende-se que para o fortalecimento da pesquisa e, principalmente, para o reconhecimento da área, seria fundamental que também esses quesitos passem a fazer parte da agenda dos pesquisadores da área. Por exemplo, aspectos como: formação acadêmica no exterior, projetos de pesquisa de âmbito internacional, orientação e participação em banca estrangeira, são elementos que congregam reconhecimento ao pesquisador e, conseqüentemente, ao grupo, a instituição e a área de conhecimento que ele representa. Tais aspectos vêm ao encontro das premissas postuladas por Nunes (2006), Sato (2010), Cruz et al. (2011), ao afirmarem que a colaboração científica, em suas mais diversas formas, deve ser valorizada e incentivada por apresentar ganhos mútuos aos agentes envolvidos.

Dessa forma, a pesquisa também possibilitou a visualização de cada um dos aspectos em análise, a partir da participação dos dez grupos de pesquisa, conforme apresentado a seguir, na Tabela 1.

Tabela 1 – Cooperações internacionais por grupos, por indicador e por aspecto.

		IFAM	Unicentro	UFC	Unesc	Unioeste	UFS	UFV	Unifap	IFMT	UFPB	Total
Formação acadêmica ou complementar	Graduação	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Pós-graduação	0	3	1	0	1	1	2	1	3	1	13
	Formação complementar	0	2	1	0	1	0	0	1	0	0	5
Publicações	Periódicos	16	6	5	0	7	4	1	50	1	1	91
	Eventos	17	17	39	0	36	84	9	5	3	19	229
	Livros	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Capítulos	0	0	1	0	0	0	0	4	0	0	5
Projetos	Pesquisa	0	3	0	0	2	0	0	0	0	2	7
	Extensão	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	3
Eventos	Palestra em evento internacional	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Organização de evento internacional	0	2	2	0	6	1	0	0	1	1	13
	Participação em evento internacional	9	24	11	4	22	47	11	8	11	28	175
Orientações	Orientação ou coorientação de aluno estrangeiro ou aluno em estágio fora do país	0	0	0	0	0	0	0	18	0	0	18
Corpo editorial	Membro de corpo editorial de revista internacional	1	4	0	0	0	0	0	0	0	1	6
Bancas	Participação em banca estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	17	0	0	17
Prêmios e títulos	Recebimento de premiação internacional	0	1	0	0	1	2	0	0	1	0	5
Total		43	66	61	4	76	139	23	104	20	53	589

Fonte: dados da pesquisa (2015).

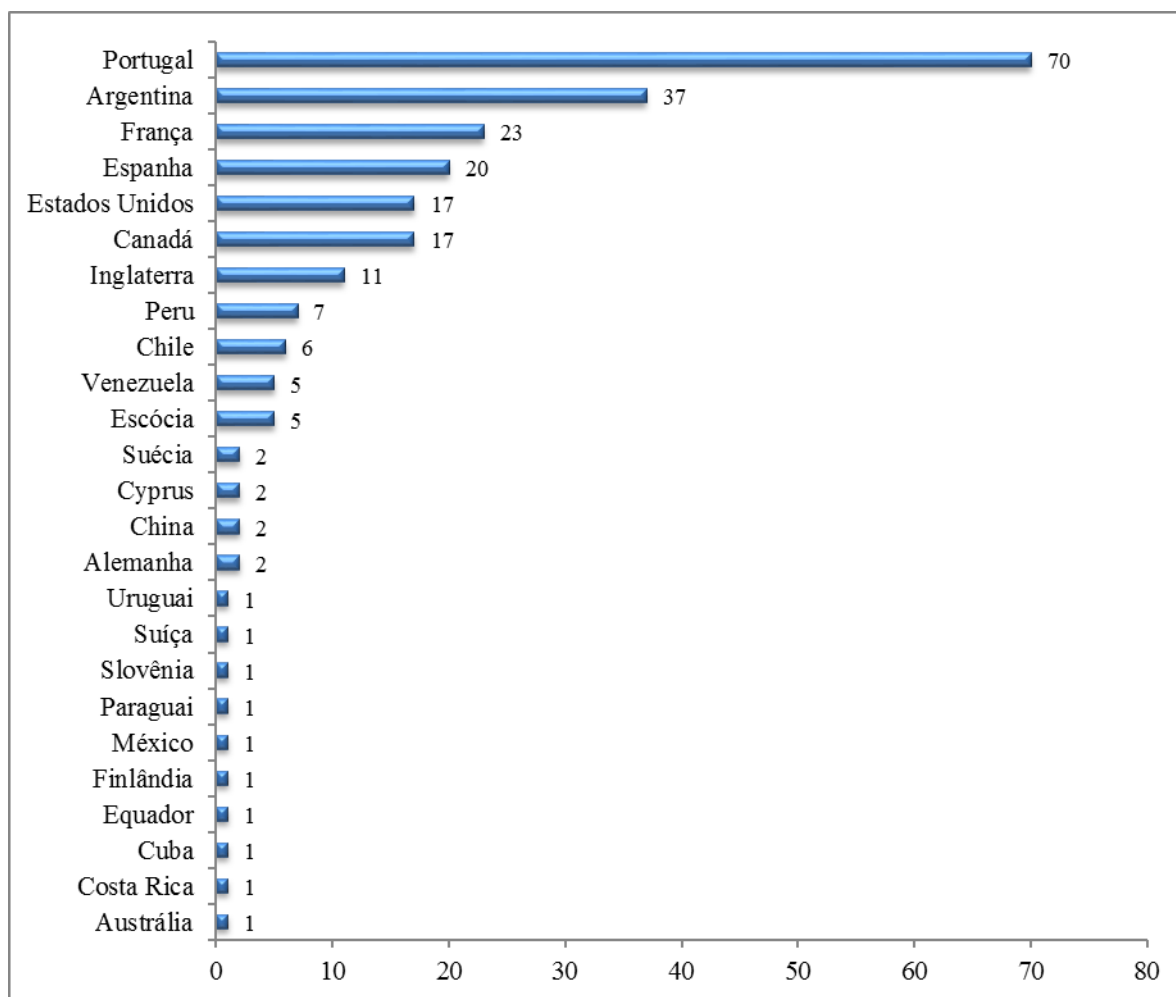
Em relação ao indicador “Formação acadêmica ou complementar”, entende-se que o Grupo Gestão do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas da Unicentro está mais atento ao olhar internacional, uma vez que existem nesse grupo nove experiências no exterior. Essas formações adquiridas em países estrangeiros podem se tornar um diferencial perante a qualidade da pesquisa e também do ensino.

Sobre os indicadores “Publicações” e “Eventos”, conforme já discutido, a grande maioria dos grupos apresenta um número considerável de participações internacionais, principalmente, no que se refere à publicação em periódicos e anais de congressos (eventos), bem como, participação em eventos internacionais.

Já em relação aos indicadores “Projetos”, “Orientações”, “Corpo editorial” e “Bancas”, poucos grupos possuem pontuação nesses quesitos, e os que possuem são ainda, em número bem reduzido. Porém, cabe ressaltar que esses aspectos são, de fato, elementos bastante complexos, pois demandam, muitas vezes, elevada titulação e experiência comprovada por parte dos pesquisadores envolvidos. Além disso, esses aspectos requerem que os pesquisadores tenham relações sólidas por um longo período de tempo com grupos estrangeiros, ou seja, há necessidade de uma rede de contatos internacional bem fortalecida. Destaque, contudo, para o Grupo de pesquisa da Unifap, o qual possui um número considerável de orientações em nível de pós-graduação (18) e de participação em bancas (17).

Na sequência, a pesquisa permitiu também analisar com quais países os grupos em estudo realizam suas cooperações internacionais. Esse resultado pode ser visualizado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Países com os quais há cooperação científica internacional.



Fonte: dados da pesquisa (2015).

Ao analisar o Gráfico 2, evidencia-se que os grupos investigados cooperaram internacionalmente com 25 países distintos, distribuídos em quatro continentes, com destaque para os continentes americano e europeu. Em relação aos países nos quais a cooperação ocorre com maior frequência, Portugal se destacou, com 70 cooperações, o que pode ser decorrente das facilidades em relação à língua materna entre os dois países. Em segundo lugar, a cooperação com a Argentina também merece menção, uma vez que se constatou a existência de 37 colaborações com este país. Nesse caso, a proximidade geográfica e as variáveis linguísticas e culturais podem ter contribuído favoravelmente para o resultado.

Embora autores da área, a exemplo de Luukkonen, Persson e Silvertsen (1992) mencionem que o estabelecimento de cooperação internacional proporciona vantagens econômicas, cognitivas e sociais às nações, a cooperação entre Brasil e Portugal, merece ainda maior destaque. Isso, porque de acordo com Faria e Costa (2006), a cooperação

Primeiramente, vale destacar que na rede a significância dos laços é representada pelo tamanho do quadrado, sendo que quanto maior o tamanho deles, maior a importância desse ator dentro da rede. Nesse contexto, o mapa de redes permite visualizar que nove grupos possuem colaborações científicas com outros países, sendo que apenas um dos grupos investigados ainda não desenvolveu esse tipo de laço. As cooperações desse grupo (Unesc), mesmo que consideradas de âmbito internacional, até o momento ocorreram somente no território brasileiro.

Dentre todos os grupos de pesquisa da área secretarial houve destaque para os grupos oriundos das seguintes instituições: UFS, Unioeste e UFC, que possuem laços com nove países diferentes, e na sequência, UFPB, Unifap e Ifam, que possuem laços com oito países distintos. Vale destacar ainda, que o tamanho do quadrado das IES na rede também é influenciado pela intensidade das relações entre os atores envolvidos (grupo e país), sendo que quanto maior o quadrado, mais intensa sua colaboração com os respectivos países. Este é outro elemento muito importante, pois demonstra a continuidade de uma cooperação e a formação de uma estreita rede de colaboração.

Em relação aos países, os de maior destaque aparecem na rede em cor azul e com tamanho maior, sendo eles: França, que apresentou laços com oito grupos diferentes, isto é, pela grande maioria dos grupos investigados neste estudo. Na sequência, Portugal e Espanha (laços com sete grupos) e Canadá, EUA e Argentina, os três demonstrando cooperação com seis grupos distintos. Ainda, em relação aos países, os que aparecem na rede em cor cinza foram os menos procurados pelos grupos e por isso de menor relevância na rede, uma vez que a cooperação com essas nações ocorreu até o momento somente com um ou dois grupos de pesquisa.

A partir do exposto no decorrer dos resultados, evidencia-se que os dez grupos de pesquisa em Secretariado no Brasil compreendem a importância da cooperação internacional, uma vez que todos, em maior ou menor grau, têm desenvolvido ações nesse sentido. Quanto mais relações e mais intensas forem, maior também será o ganho advindo dessas cooperações, tanto para o pesquisador, quanto para o grupo e a instituição como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cooperação tem se destacado no campo acadêmico-científico, principalmente em âmbito internacional, dado o fortalecimento e os ganhos advindos desse tipo de

colaboração. Isso ocorre tanto para os pesquisadores, quanto para os cursos de graduação e pós-graduação, em momentos de avaliações, ou então, frente a editais e agências de fomento. Além disso, as cooperações são importantes pelo compartilhamento de recursos, experiências e ideias entre os atores.

Assim, dada a importância das relações cooperativas, neste estudo analisou-se a cooperação científica internacional dos membros integrantes dos grupos de pesquisa em Secretariado Executivo no Brasil. Lembra-se que os dados coletados se referem às cooperações dos grupos de pesquisa na área de Secretariado, independente da formação dos pesquisadores, da área de atuação dos mesmos e das temáticas das publicações realizadas.

Os principais resultados apontam que os pesquisadores entendem a importância do comportamento cooperativo com pesquisadores de outros países, uma vez que todos os grupos, em maior ou menor número, possuem produções científicas dessa natureza. Esse resultado é fundamental, principalmente em áreas mais recentes no campo científico, como o caso do Secretariado Executivo, e para tanto, deve ser incentivado pelos líderes dos grupos, pelas instituições e pela própria associação nacional de pesquisa da área.

Dentre os tipos de produção, os grupos de pesquisa têm apresentado maior colaboração internacional no indicador “publicações”, o que pode ser decorrente da elevada pontuação que a Capes e o CNPq atribuem às iniciativas de publicação internacional. Contudo, a área secretarial ainda enfrenta uma série de desafios em relação a outros tipos de produção, a exemplo da formação dos pesquisadores e do desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão em âmbito internacional. Nesse sentido, seria fundamental a realização de discussões e reflexões entre os pesquisadores, a fim de superar essas lacunas.

Em relação aos países com os quais ocorre cooperação também ainda existem desafios a serem superados. Isso porque as cooperações ocorrem em maior frequência com Portugal e Argentina, que são nações em que há facilidades em relação à língua materna e proximidade geográfica. Nesse aspecto, seria importante desenvolver trocas também em maior intensidade com outros países, nos quais as diferenças culturais e linguísticas poderiam agregar mais conhecimentos e ganhos.

Assim, ao revelar a atual configuração colaborativa da pesquisa internacional no Secretariado, acredita-se que a presente investigação trouxe contribuições para subsidiar reflexões salutares aos grupos de pesquisa e à comunidade acadêmica da área, como um

todo. Quanto às limitações, salienta-se que foram considerados neste estudo, apenas os pesquisadores vinculados aos grupos de pesquisa da área secretarial. Assim, demais pesquisadores, que não estejam cadastrados em tais grupos, mas que porventura desenvolvem estudos ou outras formas de produção científica na área, não foram aqui contabilizados.

Recomenda-se, como agenda de pesquisas futuras, uma exploração maior quanto ao tema e à área das publicações desenvolvidas pelos pesquisadores pertencentes aos grupos, a fim de investigar se as produções científicas internacionais versam de fato, sobre o secretariado, ou então transitam em áreas interdisciplinares. Ademais, sugere-se a realização de estudos em que a opinião de pesquisadores dos grupos de pesquisa também seja objeto de análise.

REFERÊNCIAS

Balestrin, A.; Verschoore, J. R. & Reys Junior, E. (2010). O campo de estudo sobre redes de cooperação interorganizacional no Brasil. *Revista de Administração Contemporânea*, 14 (3), 458-477.

Bittencourt, O. N. da S. & Kliemann Neto, F. J. (2009). Rede social no sistema de saúde: um estudo das relações interorganizacionais em unidade de serviços de HIV/AIDS. *Revista de Administração Contemporânea*. 13 (especial), 87-104.

Capes. (2015). *Ficha de Avaliação do Programa*. Recuperado em 5 maio, 2015, de <http://www.capes.gov.br>

Capes (2015). Programa Geral de Cooperação Internacional. *Edital de Seleção para Projetos Conjuntos de Pesquisa, Projetos de Parcerias Universitárias e Candidaturas Individuais*: Edital nº. 02.

CNPq (2015). *Bolsa de Produtividade em Pesquisa*. Recuperado em 5 maio, 2015, de <http://www.cnpq.br/web/guest/view/>

_____. (2015). *Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil*. Recuperado em 5 maio, 2015, de <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>

Cruz, A. P.; Espejo, M. M. dos S. B.; Costa, F. & Almeida, L. B. de. (2011). Perfil das redes de cooperação científica: congresso USP de controladoria e contabilidade - 2001 a 2009. *Revista Contabilidade e Finanças*. 22 (55), 64-87.

Durante, D. (2012). *Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios*. Passo Fundo: Editora UPF.

Faria, L. & Costa, M. C. da. (2006). Cooperação científica internacional: estilos de atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford. *Revista de Ciências Sociais*. 49 (1),159 - 191.

Gama, W. & Velho, L. (2005). A cooperação científica internacional na Amazônia. *Revista Estudos Avançados*, 19 (54).

Georghiou, L. (1998) Global cooperation in research. *Research Policy*. (27).

Gil, A. C. (2010). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a. ed.). São Paulo: Atlas.

Kapel, K. K. (2009). *A cooperação técnica triangular na política externa do governo Lula: diversificando as linhas de Cooperação Sul-Sul*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do RS. Porto Alegre/RS. Disponível <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21520/000736636.pdf?sequence=1>

Katz, J. S. & Martin, B. R. (1997). What is Research Collaboration? *Research Policy*, 26, 1-18.

Kerch, A. L. & Schneider, L. G. S. (2013). O Brasil na cooperação internacional para o desenvolvimento: a atuação brasileira na cooperação sul-sul. *Anais do VI Encontro de Estratégia*. Bento Gonçalves/RS. Bento Gonçalves: VI Encontro de Estratégia.

Lima, R., Velho, L. M. & Faria, L. (2007). Indicação bibliométrica de cooperação internacional. *Perspectivas da Ciência da Informação*, 12 (1), 50-64.

Loader, R. (1995). *Transaction Costs and relationships in agri-food systems*. Proceedings of the 2nd International Conference on Chain Management.

Luukkonen, T.; Persson, O. & Silvertsen, G. (1992). Understanding patterns of international scientific collaboration. *Science, Technology & Human Values*, 17 (1).

Mello, C. M.; Crubellate, J. M. & Rossoni, L. (2010). Dinâmica de relacionamento e prováveis respostas estratégicas de programas brasileiros de pós-graduação em administração à avaliação da Capes: proposições institucionais a partir da análise de redes de coautorias. *Revista de Administração Contemporânea*, 14 (3),434-457.

Ménard, C. (2004). The economics of hybrid Organizations. *Journal of Institutional and Theoretical Economics*. 160 (3), 345-376.

Merlin, G. & Persson, O. (1996). Studying research collaboration using co-authorship. *Scientometrics*, 36 (3).

Nunes, B. F. (2006). O sistema de C T no Brasil e a cooperação internacional: notas sobre a experiência Capes/Cofecub. *R B P G*. 3 (6), 234-253.

Rossoni, L. (2006). *A dinâmica de relações no campo da pesquisa em organizações e estratégia no Brasil: uma análise institucional*. Dissertação de mestrado em Administração), Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Sánchez, E. R. (2002). *Cooperación y desarrollo: nueve preguntas sobre el tema*. Burgos, España: Amycos.

Santos, C. G. dos & Carrion, R. da S. M. (2011). Sobre a governança da cooperação internacional para o desenvolvimento: atores, propósitos e perspectivas. *RAP*.

Sato, E. (2010). A cooperação internacional: uma componente essencial das relações internacionais. *RECHS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde*.4 (1), 46-57.

Schmidt, C.; Cielo, I. D. & Sanches, F. C. (2012). Mapeamento de redes: um estudo sobre as relações entre universidades e docentes em cursos de Secretariado Executivo. In: Durante, D. *Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios*. Passo Fundo: Editora UPF.

Silva, D. H. da. (2007). Cooperação internacional em ciência e tecnologia: oportunidades e riscos. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 50 (1), 5-28.

Wagner, C. S. (2004). *International collaboration in Science: a new dynamic for knowledge creation*. Tese de doutorado, Amsterdam School of Communications Research. University of Amsterdam.

Zylbersztajn, D. & Farina, E. (2006). Dynamics of network governance: a contribution to the study of complex forms. *Série Working Paper*. 03 (26).